

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1222	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	650	120	10 de Dezembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos à administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	—	—		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	—	—		

CRONICA OCCIDENTAL

Primeiro de Dezembro — dia romantico de gloriosas evocações, para nós, bípodes sentimentais deste lindo cantinho ajardinado da Europa, á beira mar disposto, — surpreendeu-nos, em arripios de névoa, numa triste madrugada, griposa e carrancuda. O sol nascente lá se foi desenhando, aos poucos, cautelosamente, e erguendo-se das suas faixas acobreadas e rubras, elevou a fronte, assomou o olhar e arrebitou o narizinho e de subito se envolvia em panos lanudos e algodoados — como temendo-se do ambiente de tempestade e do olhar magoado das coisas. . . E em

fim lá se alevantou no horisonte sereno e altivo — evocador de glorias e laureis, entusiasmos, victorias e benções. Primeiro de Dezembro!

Longe vai, bem longe, desfeito na poeira dos anos decorridos, o tempo em que a minha generosa mocidade o saudava, invocava, e evocava e lhe erguia as mãos divinemente incendidas de frenal e saudade. Longe vai, bem longe. . .

Derredor de mim, o mesmo entusiasmo sagrava o Espirito e a Terra.

E eram gargantas que enrubescem em saudações, mantos de estudantes que trapejam praças, assembleias e teatros, flôres que abençoam, violinos que evolvam, em serenatas, almas que ascendem em sonho e maravilha!

Hoje, se o nosso olhar por vezes, em fugidios momentos, ainda se obliqua, num ascetismo de

renuncia, em contemplação, logo, de repente, é dirigido e amortecido na fixação réta e crua da realidade que nos obceca.

As festas comemorativas do Primeiro de Dezembro de 1640, realisadas, em os anos passados, se bem que molhadas e arrefecidas, ainda tinham a exaltal-as entusiasmos de victorias recentes e fervôres de esperanças reanimadas.

Desta vez, não.

Festas, mal se fizeram — e as que, dizem, se fizeram, mal, poucas e pouco luzidas.

Sei lá! Enramelhetaram-se frases floridas, de trato comum, em jornais caturras, laudatorios e assembleias sonoras. Organisaram-se regatas. Houve recepções. Trocaram-se afétuosos e sorridentes cumprimentos. Apetrecharam-se talheres em mésas oblongas de banquetes officias

A Guerra dos Balkans



OS SERVIÇOS DA CRUZ VERMELHA — EM LARISSA, CHEGADA DE UM COMBOIO DE FERIDOS — A PRINCESA HELENA DA RUSSIA ESPOSA DO PRINCEPE NICOLAU DA GRECIA, EXAMINANDO OS FERIDOS

(De fotografia)

Iluminaram-se de verde-rubro edificios publicos. Enfunaram-se, a todo o pano, pavilhões berrantes pelas praças e domicilios. Fungagás achincalharam timpanos num percurso de alegria parva.

Que mais?...

É assim, o bom naco de prosa, bem castigada e classica, que eu tinha de antemão preparado, para dispôr agora, num estremecimento de febre feliz, resvala num enrouquecimento baixo de cantochão.

Por isso, a madrugada de 1 de Dezembro — esta madrugada evocadora de glorias e victorias nos surpreendeu soturna, em arripios de névoa, desolada.

Por isso, o nosso glorioso sol peninsular hesitou em erguer-se tremebundo e frõrento, magoado da magoa das coisas e dos homens.

Ou seria que nossos olhos encaravam a natureza através do prisma duma tristeza desalentada e coavam sobre a impassível natureza as côres das suas sombras nevoentas.

Na verdade, o dia decorreu como deveria — como era possível que decorresse.

Festas nulas, festas empalidecidas, festas fanadas — como doutro modo seria possível que florisssem e desabrochassem neste lamaçal de acabrunhamento depressivo que é o ano decorrente?!

Ainda ha bem poucas horas eu tive occasião de examinar estampado em vintenas de lívidas fisonomias o descontento desanimado que deprime a alma portugueza no actual momento. Sobre a rua do Chiado, pairava, corria, apinhava-se, contorcia-se inquietamente, multidão de gentes que alevantavam punhos ameaçadores e tinham palavras de ira, olhares febricitantes e gestos de revolta.

E um automovel que transitava conduzindo graduada personalidade no nosso meio político e magotes de pessoas que se agitavam, em furia, em corrida, cevan lo coleras em ameaços e doestos e apupos...

Um transeunte pacato explicou-nos então. Era por ali, àquella hora, que se deveriam reunir ou ter já reunido, proprietarios, em grupo, para formular opiniões sobre a obscura e agoniosa situação financeira portugueza, lançar alvitres sobre impostos de propriedade e arrendamento — e assim, impôr-se e desembaraçar-se de onus tributario mais pesado que porventura se lhes pudesse sobrecarregar.

E a multidão alfacinha protestava contra as possíveis resoluções daquele grupo que tudo açambarca em ganho e nada ou pouco quer dispende.

Por ora, o portuguez não pôde, pois, preocupar-se, com festas, não tem motivos de festas — sejam elas comemorativas — demasiado o absorve e irrita a sua situação affitiva na concorrência cotidiana, com que tropeça e o enreda e esgana irremissivelmente.

Aventureiros com ganancia e sem escrupulo, exploram egoista e avaramente terreno. Ociosos politiqueiros, palrões e lambões, abraçam dezenas de emprêgos com que só se preocupam na escurrecencia sucosa do fim dos meses. Os diplomatas mentem sornamente. Os nossos politicos resolvem os seus problemas, ponderadamente, a faca e garfo, nos banquetes que se dão, e expõem longos e luzidos planos de governação, ao champagne, em brinde, para deleite de seus ouvidos e bossas palmeiras. Só se dão ao trabalho de meditar o que tem dito, ao depois, muito ao depois, quando fumam tranquilamente os seus charutos, bem aconchegados e acomodados nos patrios lares.

O parlamento, em compasso de ópera — bufa, abre-se, fecha, enche-se, esvazia-se, engasga-se, vomita, em esgares que provocam nauseas e riso.

Se por acaso, os nossos superhomunculos tropeçam, no despreocupado caminho, com as finanças portuguezas que não são precisamente as deles, e as encontram palidas, precisadinhas, quasi em agonia, relegam o caso para depois do jantar, e entre dois arzõtos sêcos matutam e só conseguem murmurar, de onde a onde, num ritornelo idiota: Impostos! Empréstimos! Empréstimos! Impostos!

Palavras que mestre papagaio, colocado á janela da sala de jantar, vindo de extranhas terras, lhes soube ensinar...

Impostos — se pretendem exercê-los sobre o nosso miseravel e caçoante Zé-Pôvo, cometem um acto de audacia afrontosa e cinica. E Zé-Pôvo, então, suspende o risinho maniaco no labio pendente, e arremeça os pulsos e escancara palavras grossas, como ainda ha bem poucas horas, no Chiado, ondeante e borborinhante de multidões em protesto, accorrendo sobre o automovel conducente dum politico conservador.

Se pretendem impôr tributos sobre o largo e

almofadado cachaco dos ricos da Parvonia — ai deles! ai de nós! ah! desaba o mundo e se trapeja de crépes o sol...

E os politicos conservadores que impendem a maior bagagem sobre a balança da politicagem portugueza, protestam, pulam, vociferam...

Contracção de empréstimos — seria para eles e para nós a unica solução rasoavel, mas o caso toma aqui um aspeto melindroso e serio que não é compativel com a politica brêgeira, marôta e garôta, cá do burgo.

E as nossas colonias esmorecem á mingua. E vastissimos terrenos, no continente, quedam-se incultos e maninhos. E braços famintos erguem-se na febre doida de aventuras por longes e extranhas terras, na ancia emigreira da expatriação...

Dificuldade de transportes. Caminhos invios. Ausencia de portos de abrigo. Falta de trabalho. Capitais imobilizados.

E os nossos interessantes politicos banque-teiam-se, palram, assoam-se, tosem e riem.

Se algum dia, acaso, a misera e mesquinha patria succumbisse esganada de inanição e unhas vorazes, eles diriam, decerto, com olhares magoados de compaixão e um acento tocante de solenidade convicta, acaciescamente:

— Que profundo desgosto de famílias!

ANTONIO COBEIRA.



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra dos Balkans

O *bureau socialista internacional*, em presença das hostilidades que se desenrolam nos Balkans, organisou um congresso em *Bâle*, em cuja cathedral se reuniram 555 delegados de todos os paizes. Jaurès, Bebel, Vaillant, Adler, Troelstra prégaram contra a guerra nesse mesmo pulpito, onde os prelados do concilio ecumenico de 1431 a 1438 condemnaram o schisma do proprio Jean Jaurès.

Nesse congresso se approvou um grande manifesto que mostra a plena unanimidade dos partidos socialistas e syndicalistas de todos os paizes. Na *guerra contra a guerra* o congresso incita os partidos socialistas a que, por todos os meios, estabeleçam uma acção commum, e convida a democracia socialista dos Balkans a que, depois da guerra, empregue todos os esforços afim de impedir que os resultados adquiridos com tantos sacrificios venham a ser confiscados em proveito das dynastias e do militarismo. Os socialistas da Austria-Hungria, da Bosnia-Herzegovina, da Croacia e da Slavonia tem o dever de se oppôr tenazmente a qualquer ataque da monarchia do Danubio contra a Servia, bem como a resistir á politica tendente a despojar a Servia, pela força das armas, dos fructos da guerra, e a transformá-la numa colonia austriaca.

Reconhece ao povo albanês o direito á autonomia, mas não admite que sob esse pretexto a Albania seja sacrificada ás ambições austro-hungaras e italianas, pedindo aos socialistas da Austria e da Italia que combatam qualquer tentativa dos seus governos para envolverem a Albania nas suas espheras de influencia. Depois d'uma violenta diatribe contra o czarismo, cuja ruina constitue a tarefa principal da *Internacional*, faz um apello aos trabalhadores da Alemanha, da França e da Inglaterra, para que exijam dos seus governos formal recusa de soccorro á Austria e á Russia.

O congresso considera como o maior perigo para a paz da Europa a hostilidade artificialmente mantida entre a Gran-Bretanha e o imperio allemão, pedindo aos socialistas que façam propaganda para impedir esse antagonismo.

Os socialistas de todas as nações devem oppôr ao imperialismo capitalista a força da solidariedade internacional do proletariado. Os governos devem ponderar que no estado actual da Europa e da disposição do espirito da classe operaria, elles não poderiam, sem perigo para elles proprios, fazer desencadear uma guerra. Os trabalhadores consideram um crime o fazer fogo uns contra os outros em proveito dos capitalistas, do orgulho das dynastias e das combinações dos tratados.

O manifesto conclue exhortando os proletarios de todo o mundo a que utilizem os meios que a

sua organização e a sua força lhes põem nas mãos para manterem a paz, oppondo ao mundo capitalista da exploração e do assassinio das massas o mundo proletario da paz e da união dos povos.

Este protesto retumbante contra a guerra deve, é certo, ter levado os governos a pensarem nas complicações a que poderia levar uma guerra europeia, como aquella que por vezes nos tem ameaçado; mas a verdade é que o apello dos socialistas tem muito de platonico e a sua doutrina não foi escutada.

A Albania já foi proclamada independente, á voz de *Ismail Kemal bey*, que constituiu em Vallona um governo provisorio. Ismail é um dos mais turbulentos e activos agitadores albaneses, muito familiarizado em Paris, Constantinopla, Athenas, Roma e Vienna e que de ha muito emprehendera a fundação d'uma republica albanesa, de que elle seria o presidente. Depois de longa permanencia em Vienna, partiu para Durazzo com quatorze notaveis albaneses com o fim de proclamar a republica, mas, não tendo conseguido atrahir á sua causa os mussulmanos nem os christãos, tomou o caminho de Vallona, centro d'uma Albania mais consciente da sua nacionalidade e particularmente trabalhada pela Austria, a cujo governo, bem como a Roma, Ismail se apressou de transmittir a proclamação da independencia.

Os servios, porém, não attenderam ás aspirações da Albania e tomaram *Durazzo*, e os gregos fõram occupar a ilha de *Sasseno*, á entrada da bahia de Vallona, na intenção de se apossarem d'essa importante zona meridional, o que vae d'encontro ao accordo da Italia e da Austria, que estabelece a posse de Vallona por parte exclusivamente da Albania neutralizada.

Mas a Servia, que a principio se mostrava demasiado exigente, apresenta-se agora mais conciliadora, devido, ao que parece, á attitudé pacifica da Russia, de modo que o appetecido porto de *Durazzo* pôde vir a ser substituido por outra sahida para o Adriatico...

Sofia e Athenas debatem um ponto deveras intrincado: o de saber se Salonica deve pertencer á Bulgaria ou á Grecia.

Quando os aliados estabeleceram o seu plano de conquista, estavam longe de imaginar que as suas armas iriam tão longe, não tendo surgido a questão de Salonica. A sorte foi muito diferente do que se esperava, dando aos gregos o maximo de resultados com o minimo de sacrificios, ao passo que os bulgaros, com um maximo de sacrificios obtiveram resultados minimos, desde que Adrianopla fique nas mãos da Turquia.

Salonica constitue hoje o pomo da discordia entre gregos e bulgaros. Se de facto foi o *diadogue* (principe herdeiro da Grecia) quem primeiro entrou na grande cidade, levando 25:000 turcos a capitularem, é tambem certo que os turcos tinham já sido batidos pelo exercito bulgaro sob o commando do general Theodores, vindo do norte pelo valle de Struma, e que os gregos, com o fim de ganhar a dianteira aos aliados, offereceram á guarnição ottomana condições muito favoraveis. A cidade foi em seguida occupada pelos dois exercitos, cujas relações estiveram tensas por alguns dias. Os gregos apressaram-se na installação das administrações e annuncia-se até que a familia real trocará Athenas por Salonica no proximo inverno, para melhor garantir a posse.

Se os bulgaros estivessem senhores de Adrianopla, certamente deixariam de olhar para Salonica. Por isso a Grecia se negou a assignar o armistício da Turquia, formulado da seguinte maneira:

1.º O armistício deverá durar enquanto durarem as negociações da paz.

2.º A Turquia poderá reabastecer todas as posições cercadas, todos os destacamentos e as tropas da Macedonia e d'outros pontos da peninsula e toda a população turca do theatro da guerra.

3.º Esse reabastecimento poderá fazer-se por todas as estradas ordinarias, pelo Adriatico e pelo mar Jonio.

4.º Os aliados deverão fornecer para se effectuar o reabastecimento salvos conductos que permitam fazer uso dos caminhos mais curtos.

5.º O reabastecimento será adequado ás necessidades das tropas e dos habitantes.

6.º Os comboios turcos poderão passar, se tal fôr necessario, atravez dos exercitos aliados.

7.º Será levantado o bloqueio das ilhas turcas do Adriatico e do mar Egeu.

Os gregos, victoriosos no Epiro, na Macedonia, no mar Egeu e no Adriatico, entenderam que deviam impeller os seus aliados á tomada de Tchataldja, quer forçando os Dardanellos pela prévia occupação do Chersoneso, quer (com o fim de desnortear os turcos) desembarcando na

costa da Asia um corpo consideravel, que envolvesse Constantinopla.

Corre tambem que os hellenos teem pretensões á posse de Monastir.

Nestas condições a rivalidade entre os alliados está manifestamente declarada, e é de suppôr que as grandes potencias se apressarão em intervir, levando-lhes o que tanto lhes custou a conquistar. E a Austria talvez tenha a parte do leão, para a compensar dos preparativos bellicos em que tem estado empenhada com apoio da Rumania, que defende a Turquia contra a Bulgaria.

Multiplicam-se as visitas dos monarchas: o principe herdeiro da Rumania vae a Berlim; o imperador da Austria troca correspondencia com Victor Manuel; o czar Fernando parte para Tchataldja.

Entretanto a Servia, a Bulgaria e o Montenegro assignam o armistício com a Turquia em Tchataldja, sendo os estados alliados representados por Danef, presidente da camara de Sofia, Savof, generalissimo, e Fitchef, chefe do estado maior, e a Turquia, por Nazim pachá e Rechid pachá.

Foi, na agora historica povoação de Playa, numa modesta casa de madeira, perto do istmo que separa o golpho da lagôa de Buyuk-Tchek-medje, que se reuniram os representantes das nações belligerantes, sendo o armistício assignado, finalmente, num luxuoso vagão da linha do Oriente, que havia sido mandado construir por Abdul-Hamid, o sultão vermelho.

Falla se muito numa reunião de embaixadores, por iniciativa de Sir Edward Grey, com o fim de examinar os principaes problemas originados pelas guerras dos Balkans e que poderiam, isoladamente discutidos, provocar serios conflictos. Essa ideia foi calorosamente accete pelas potencias; ha probabilidades de que a reunião seja em Londres. O horizonte apresenta-se, porém, algo nebuloso, como se vê do discurso do chanceler allemão, Bethmann-Hollweg, proferido ha dias no Reichstag.

Depois de exprimir a esperanza de que a diplomacia triumphará no futuro como triumphou no passado para localisar o conflicto, affirmou, para salvaguardar a reputação de clarividencia da diplomacia allemã, que a Allemanha estava, desde o principio do verão, informada da alliança balkanica. E sobre a solidariedade entre a Austria e a Allemanha, de que havia certas duvidas, disse:

«E' evidente que não se poderão precisar os desejos das potencias e dá-los a conhecer senão quando se tenham sob os olhos as estipulações dos belligerantes. Vêr-se-ha então até que ponto essas estipulações invadem as esferas d'interesses das potencias (trata-se da Servia). Se, esperando até esse momento surgirem conflictos insolúveis — esperamos aliás que elles se não produzam — cabe ás potencias directamente interessadas o fazerem valer, nesse caso particular, as suas pretensões. Isto applica se aos nossos alliados. Se elles, no momento de fazerem valer os seus direitos, fossem, contra toda a expectativa, atacados por um terceiro (a Russia), vendo-se ameaçada a sua existencia, deveriamos, fiéis ao nosso dever, collocar-nos firmemente a seu lado. Teriamos então que combater para manter a nossa propria situação na Europa, defender o futuro e a nossa segurança. Estou absolutamente convencido de que nesta occorrença teriamos atrás de nós toda a nação.»

Kiderlen Waechter, entrevistado por um jornalista hungaro, declarou que a situação internacional não comporta nem um optimismo exagerado nem um pessimismo excessivo.

Winston Churchill exprimiu a opinião de que entre a Austria e a Russia não ha divergencias que não possam aplanar-se, e declarou que a Inglaterra, a França, a Italia e a Allemanha vivem em paz e que nesta hora nenhuma força poderia fazê-los desviar do bom senso e da honra.

Emfim, não nos faltarão surpresas no proseguimento d'esta tremenda lucta, que não se sabe quando terá fim.

Morte da condessa de Flandres

A côrte da Belgica tem nestes seis meses soffrido as mais cruciantes dôres.

A rainha Elisabeth perdeu successivamente o irmão e a irmã. O rei Alberto acaba de perder sua mãe, a condessa de Flandres, Maria Luiza Alexandrina, princesa de Hohenzolbon, que nasceu a 17 de novembro de 1845. Casou com o conde Philippe, conde de Flandes, filho segundo de Leopoldo 1.º, a 25 de abril de 1867, em Ber-

lim. Era muito piedosa e dotada de talento artistico, devendo-se-lhe aguarellas de valor. A' dôr immensa produzida pela morte do filho mais velho, o principe Baudain, em 1891, succedeu-se, em 1905, a do fallecimento do conde de Flandres, vivendo desde então afastada da côrte.

Attribue-se-lhe certa influencia sobre as aspirações catholicas e ultra conservadoras, mas pela sua bondade natural, pela sua caridade e extrema affabilidade, soube conquistar todas as sympathias do povo belga. Corre que foi por sua influencia que se aplanaram as difficuldades que se oppunham ao casamento da princesa Clementina com o principe Napoleão.

A condessa de Flandres deixa tres filhos: o rei Alberto, a princesa Henriette, que casou em 1896 com o duque de Vendôme, e a princesa Josephina, que casou em 1893 com o principe Carlos de Hohenzollern.

Lisboa, 8-12-012.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Uma visita á Casa de Saude para Cirurgia

Clinica de Henrique Bastos

Quando alguém nos disse, ao passarmos na Avenida da Liberdade, naquela larguissima e extensa via publica, cuja vista se perde querendo alcançar-lhes o limite, atravez dos seus arvoredos e jardins, onde se aspira a plenos pulmões a brisa do norte perfumada da vegetação florida; quando alguém nos disse, apontando para um predio á quina da Calçada da Gloria: ali está uma Casa de Saude, naquela arteria palpitante e ruidosa da cidade, onde os elétricos correm a cada momento nas suas carreiras continuas, os automoveis se cruzam em todas as direcções e a vida activa da população se agita no nervosismo

das grandes cidades modernas, pareceu-nos impropria a escolha do local para uma instalação daquela natureza, cuja primeira exigencia deverá ser o silencio e repouso de que os doentes carecem.

Não tardou, porém, que esta nossa impressão se desfizesse, logo que podémos realizar uma visita á Casa de Saude para Cirurgia, onde fomos recebido pelos srs. drs. Henrique Bastos e Lopes, que nos franquearam todo o edificio e, tão obsequiosa como minuciosamente o sr. dr. Lopes nos guiou e explicou todas as suas dependencias.

Assim nos encontrámos na ampla escada que conduz ao primeiro andar e chegámos á galeria que corre em sua volta, recebendo luz de um janelão de vitraes, em que se desenha a côres, entre lindos motivos decorativos, o quadro do mar tenebroso que as caravelas portuguezas, com seu velame enfunado, vão atravessando, lendo-se sob esta composição a legenda: «Por mares nunca d'antes navegados.»

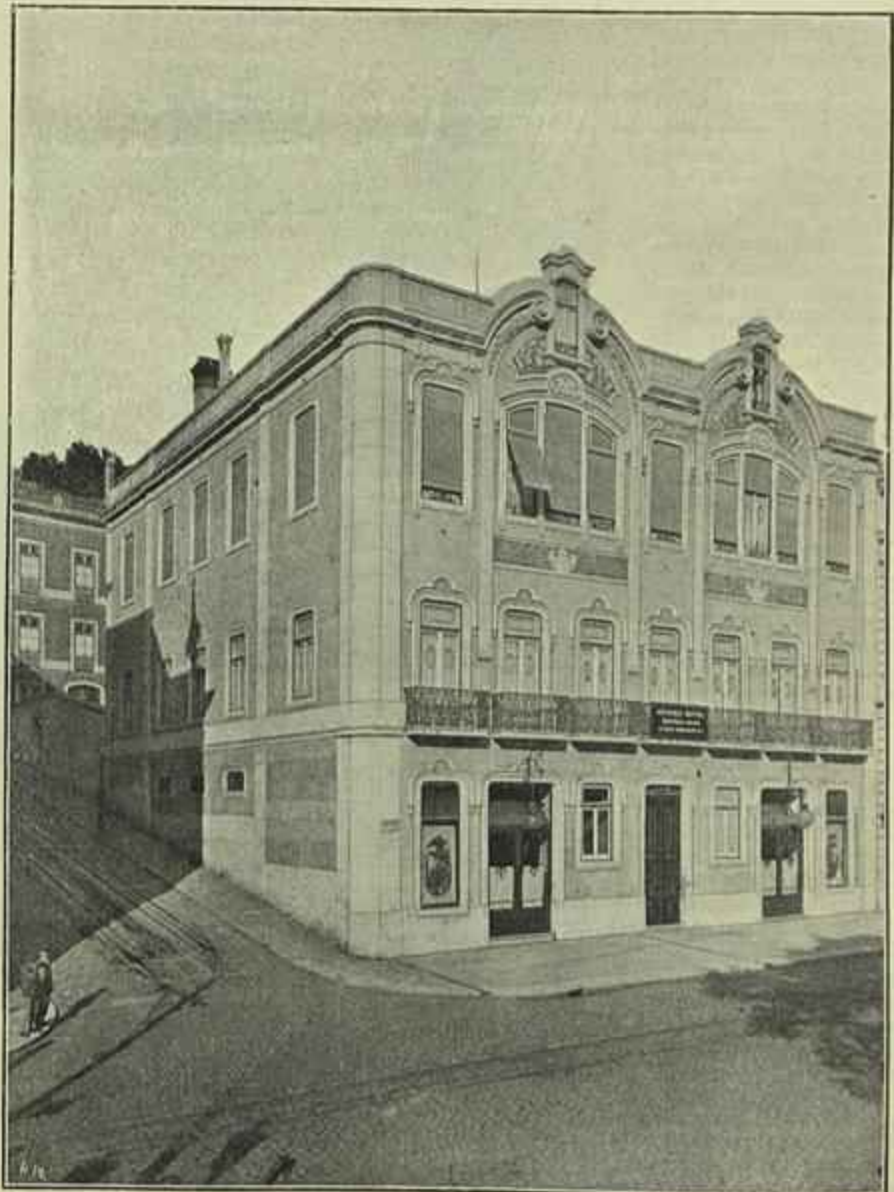
Eis como um verso de Camões, que morreu pestoso, abandonado no misero catre dum hospital, serve de divisa a uma Casa de Saude, para frisar um novo empreendimento nesta Lisboa, em pleno seculo xx, pensámos nós, naquele meio tranquilo, de luz suave, coada atravez dos vitraes, que nos transportava em espirito ao misticismo contemplativo e crente, que se eleva e paira por entre as gigantes naves dos templos medievas.

E como não deveria ser assim, se logo áquella entrada nos sentiamos em meio de uma atmosfera acariciante, rodeados de tanto conforto e de tanto socêgo, como se a cidade ficasse lá bem longe com todas as suas intemperies e ruidos.

A sciencia e a arte tinham evidentemente triumphado, num fraterno amplexo a que não era extranha a poesia, para almas delicadas, impressionaveis.

Não occultámos a nossa impressão ao sr. dr. Lopes que, sorrindo-se, nos confirmou que a sciencia e a arte tinham colaborado de accordo para a obra que nos ia mostrar.

Na galeria em que nos encontravamos, abriam-se portas para tres amplas salas de espera, de



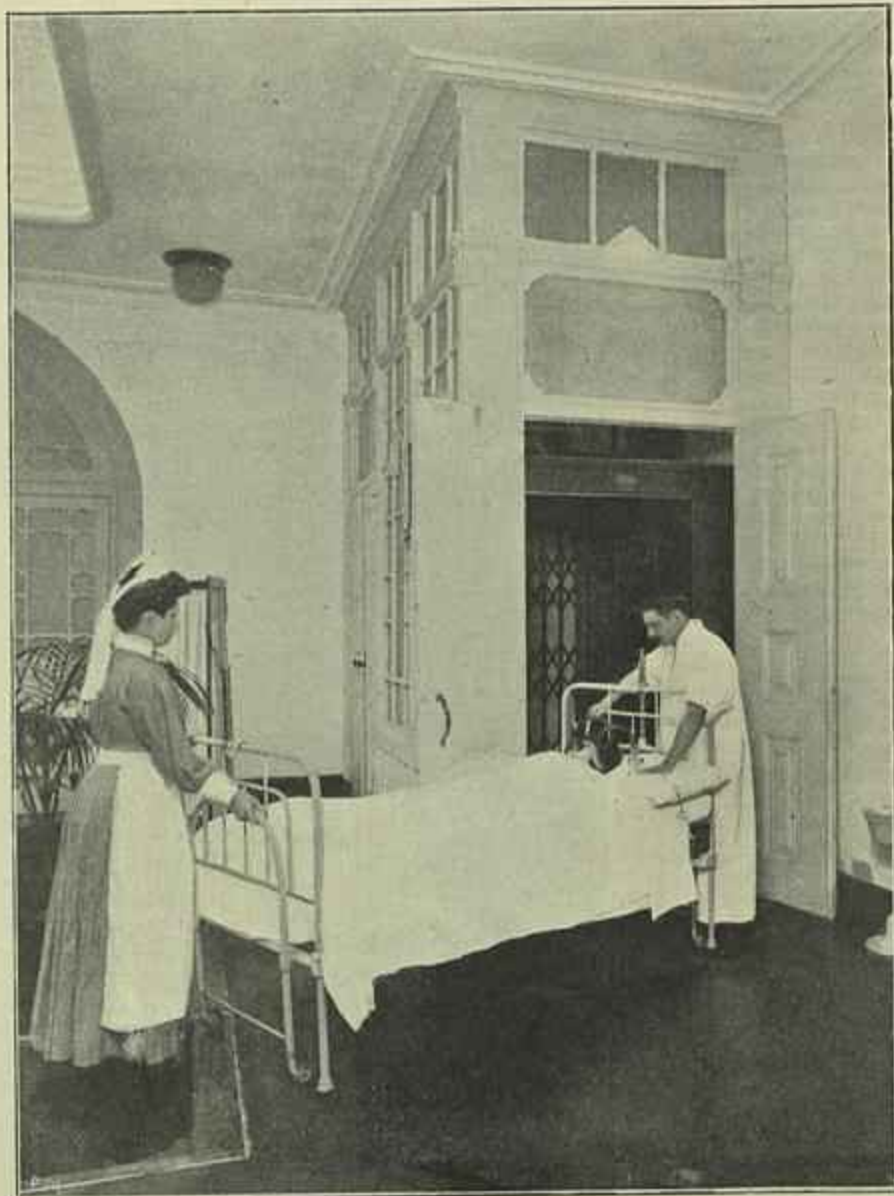
A CASA DE SAUDE PARA CIRURGIA, CLINICA HENRIQUE BASTOS, NA AVENIDA DA LIBERDADE



CASA DE SAÚDE PARA CIRURGIA, CLINICA DE HENRIQUE BASTOS — GABINETE DE CONSULTA

uma simplicidade elegante que não dispensa o luxo de um mobiliário de estilo antigo e sólido. Os pavimentos enxadrezados de madeiras de cores; altas paredes estucadas de tons levíssimos e tectos brincados de relevos. A sala do medico nas mesmas condições, apresenta em estantes envidraçadas varios instrumentos de cirurgia, assim como em frascos, calculos extraídos dos doentes, alguns de tamanho consideravel. Preside a esta sala um retrato do grande professor dr. Manuel Bento de Sousa, em bela fotografia emoldurada.

Mas seguimos, sempre acompanhados pelo sr. dr. Lopes, e percorremos o gabinete de exame dos doentes, com todo o mobiliário para esse fim e que é do mais moderno que a sciencia tem inventado; passámos aos gabinetes de tratamento para doenças dos rins, da bexiga e da uretra. Cada um destes gabinetes tem o seu mobiliário proprio assim como os instrumentos de cirurgia destinados ás diferentes operações simples. Temos que nos deter no exame desses instrumentos, em geral, de uma delicadeza que dá bem ideia da pericia que é necessaria para os manejar nas delicadas operações a que se aplicam. Observámos tambem o extremo cuidado com que esses instrumentos se conservam em caixas esterilizadas, e o mesmo acontece com as compressas ligaduras e roupas que tem de servir. O mobiliário completamente desinfetado e, para mais segura desinfeção, os pavimentos são de mosaico italiano, fabricado para este efeito, e as paredes, até certa altura, revestidas de uma camada de amiantol, su-



TRANSPORTE DE UM DOENTE, DO QUARTO, PARA A SALA DAS OPERAÇÕES

bstancia inatacavel pelos acidos, propria a uma eficaz desinfeção.

Assim nos foi explicando o sr. dr. Lopes, que de resto nós somos profanos no assunto.

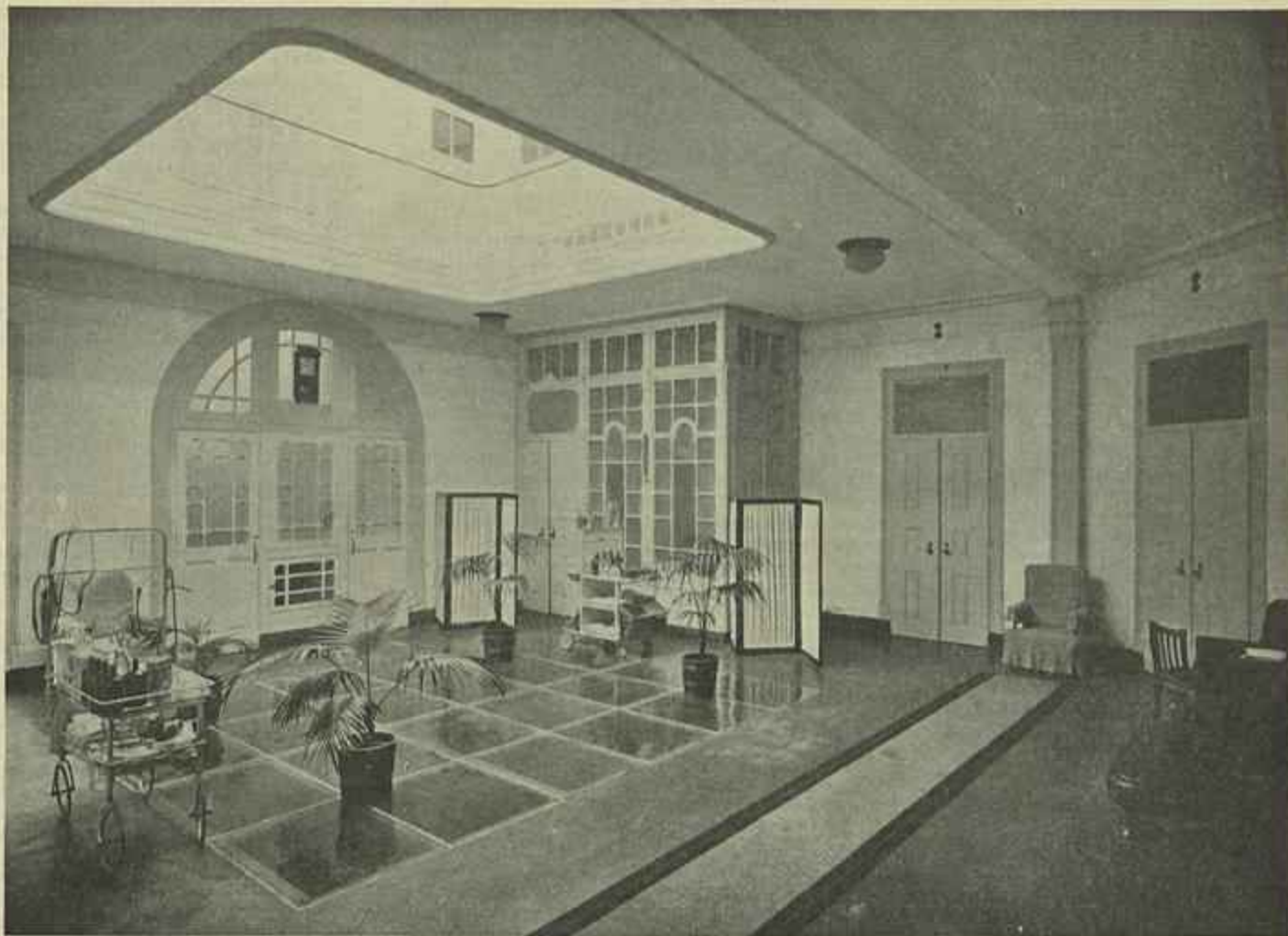
A altura das paredes neste pavimento é de 5 metros, dando a todas as salas grande capacidade cubica por onde o ar circula, sempre renovado, e a uma certa temperatura, mercê de um sistema automatico moderno.

Ainda neste andar atravessámos uma pequena galeria onde vimos, em exposição e conservados em frascos, grande numero de exemplares extraídos de operações, da bexiga, dos rins, do utero, etc., que demonstram verdadeiros prodigios de alta cirurgia em doentes que se curaram.

Desta galeria passa-se a uma sala de esterilizações, ou laboratorio, a mais completa, como podémos verificar auxiliados pelas explicações do sr. dr. Lopes.

Este laboratorio é da maior importancia, pois nele se fazem as analyses das urinas, do sangue, dos tumores e outras especies, cujo exame anatomo-potologico era até aqui deficiente entre nós. O laboratorio funciona sob a direcção do professor italiano, sr. dr. Enrico Franco, que foi expressamente mandado vir de Italia contratado para esta Casa de Saude. O sr. dr. Enrico Franco é uma alta capacidade scientifica da Escola de Roma que é uma das primeiras do mundo e onde foi laureado.

Deixando o laboratorio voltámos á grande galeria da escada e entrámos no elevador em que subimos ao segundo andar. Este elevador, movido por



CASA DE SAUDE PARA CIRURGIA, CLINICA DE HENRIQUE BASTOS — O GRANDE SALÃO EM VOLTA DO QUAL SÃO OS QUARTOS DOS DOENTES

eletricidade, funciona sem o mais leve estreme-
cimento, parando a qualquer altura e ofere-
cendo espaço suficiente para nele se transportar
uma cama com o doente, o que sucede frequen-
tes vezes, quando se realisam operações de alta
cirurgia, em que os doentes já cloroformisados,
são conduzidos para a sala das operações e dali
para os quartos, poupando-lhe deste modo verem
o espectáculo de todos os preparativos da opera-
ção e o aparato de todo o material cirurgico.

E' esta uma
das apreciaveis
vantagens que
este estabeleci-
mento oferece,
pois que os
doentes voltan-
do a si depois
da operação,
encontram-se
no seu quarto
sem terem dado
por mais nada.

Sahindo do
elevador entrá-
mos num salão
cujo pavimento
é formado de
grossas chapas
de vidro arma-
do e recebe luz
de uma grande
claraboia; algu-
mas plantas em
vasos dão-nos a
ilusão de um
jardim. Em
volta são os
quartos para
doentes. O con-
forto e simple-
cidade destes
quartos é in-
comparavel,
previstas todas
as convenien-
cias do doente
e da clinica.

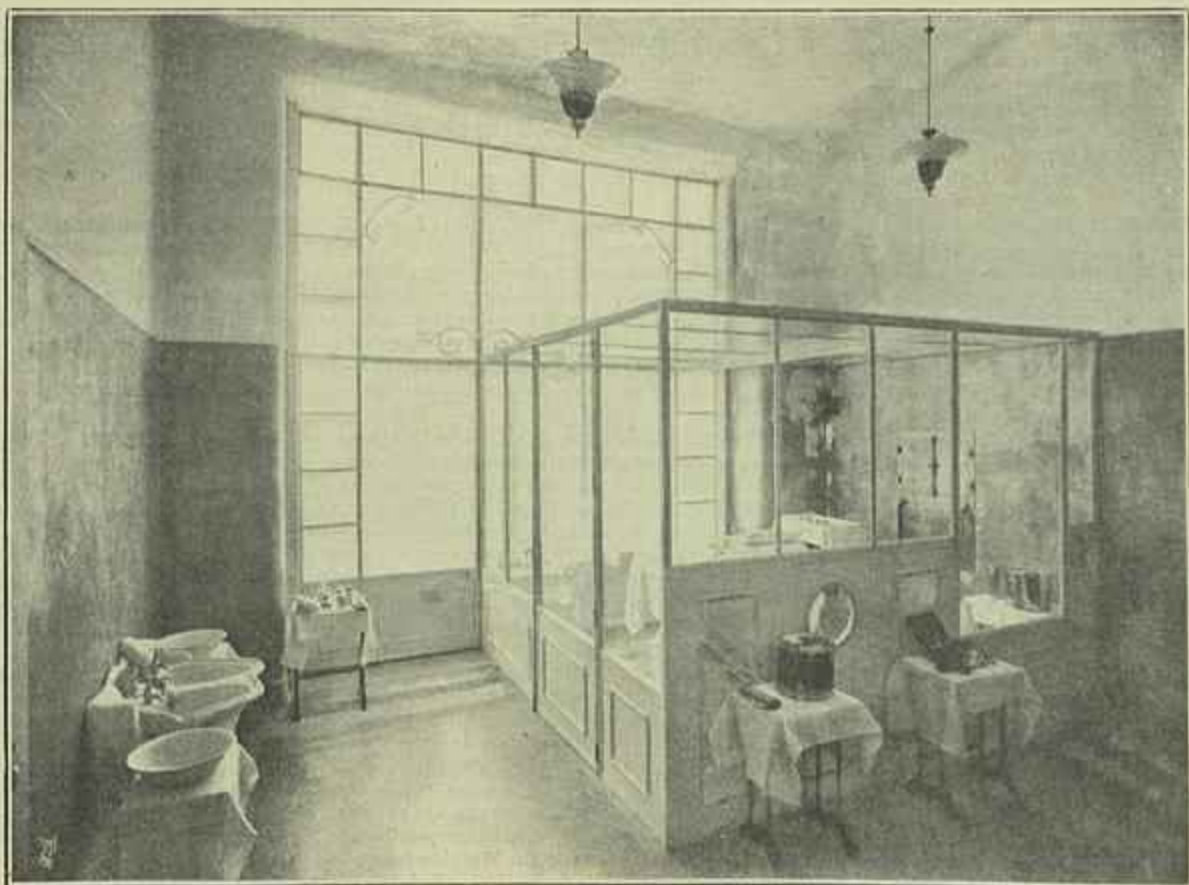
Assim, cada
quarto está iso-
lado dentro de
uma caixa de ar

que constantemente se renova. As janelas, abert-
tas em grossas paredes, têm portas duplas de
vidraça e um sistema de taboinhas que, não
só permite graduar a luz exterior, como abafar
todo o ruido da rua, que não chega ao inter-
ior do quarto. Além do mobiliario indispensavel,
mas dos sistemas mais modernos para este efei-
to, tem-se seu guarda-fato embebido na parede,
com porta giratoria a qual uma das faces é de espe-
lho; onde o doente, querendo, se pôde vêr. Cam-

panhas electricas bem dispostas permitem ao
doente chamar o pessoal de dia, ao mesmo tem-
po que se acende uma lampada electrica á porta
do quarto. A' noite desligam-se as campainhas
electricas, para o seu alarme não incomodar os
doentes, e funciona só a lampada indicativa
do quarto onde o doente chamou. Numa pa-
lavra, estão previstas todas as comodidades para
os doentes e todas as indicações da sciencia.

Passemos á sala de operações em que entra-
mos agora. Esta
dependencia do
edificio é uma
das que oferece
completa novi-
dade em Lis-
boa.

Ela consta de
uma vasta casa
que recebe luz
de amplissima
janela que to-
ma, quasi, uma
das suas pare-
des. O pavimen-
to de mo-
saico italiano, a
que já nos re-
ferimos, é per-
feitamente im-
permeavel e do
mesmo modo
os altos lambris
de amiantol que
revestem as pa-
redes. Dentro
desta casa ha
uma grande
gaiola envidra-
çada dos lados
e por cima, na
qual é que são
feitas as opera-
ções de alta ci-
rurgia. A banca
das operações é
de grossa chapa
de vidro e to-
dos os moveis
acessorios fa-
cilmente mobili-
sáveis. Os ins-



A SALA DE OPERAÇÕES DE ALTA CIRURGIA

trumentos de operar e roupas guardam-se em uma especie de forno metalico onde se conservam perfeita e garantidamente esterilizados, que não ha exemplo de qualquer infeção produzida depois das operações.

Ora é este o grande problema que esta Casa de Saude, assim instalada, resolve até onde é possível prever as eventualidades.

Para isso os seus fundadores não só estudaram detidamente lá fóra, nos centros mais adelantados da sciencia tudo que se ligava a estabelecimentos desta ordem, como não duvidaram dispendir capital importante para adquirir o melhor material e mandarem construir o edificio sob os planos mais racionais e modernamente apropriados para aquelle fim, embora dispendioso para que o luxo não fosse inferior ás comodidades e confortos que oferece.

Se fóramos a referir tudo o mais que nesta visita podémos apreciar, talvez o leitor se enfadasse porque o assunto é um tanto arido. Fiquemos, pois, por aqui, tendo dito o bastante de nossas impressões, no desejo de tornar bem publico uma Casa de Saude como esta, que representa um grande progresso para a nossa capital e que patenteia ao mesmo tempo os inegaveis progressos da sciencia cirurgica.

Foi para nosso espirito, amante do progresso, um grande prazer esta visita, como o conhecermos os srs. dr. Henrique Bastos e dr. Lopes, que acolhedoramente nos receberam com aquella delicada franqueza que caracteriza os homens que se dedicam com intelligencia e trabalho a resolverem os grandes problemas desta humanidade enferma.

Os nossos reconhecidos agradecimentos e sinceros parabens pela sua bela Casa de Saude Para Cirurgia.

CAETANO ALBERTO



Literatura Infantil

A proposito do «Livro de Marieta»

Após um periodo de decadencia, quando na transição, urge educar o espirito e fortificar a vontade dos pequeninos, para que na fase do resurgimento, essas criancinhas fomentem uma sociedade grandiosamente perfeita.

Nesse intuito a educação deve ascender do positivismo, do racionalismo, da verdade. Antagonica com esta base tem sido a educação portugueza. Na escola e no lar raramente a creança encontrou definições positivas ás suas interrogações ingenuas, ou respondia-lhes uma ficticia moral, ou a conveniencia, ou ainda a ignorancia. Na literatura infantil, quasi totalmente estrangeira, citavam-se paisagens estranhas, fadas encantadas, gnomos barbaçudos. Nos animatografos riam-se das tropélias de Max-Linder e ficavam meditativos perante desrespeitos, escamoteações e crimes flimnescos. No lar a creança encontrava uma atmosfera embrutecedora, desmoralisadora que atuava na sociedade até á baixesa. Esta tem sido a educação em Portugal nos ultimos vinte annos. Neste periodo transitorio urge educar o espirito. Urge fazer da escola o templo do bem e da humanidade. Urge que o professor como o sacerdote, apostolise o bem outr'ora apregoado pelo Rabi da Galilea, sintetisado na lematica trilogia democratica. Urge do lar fazer o templo do amor e do respeito. Urge empreender uma literatura infantil acentuadamente portugueza. Quando pairou sobre a minha banca o *Livro de Marieta*, este feixe de contos, tão artisticamente encapados, entresteci por eles não cantarem as lindas paisagens da nossa terra, as caritativas ações do povo deste encantador paiz.

Guimarães & C.º iniciam com o *Livro de Marieta* uma *Colleção Infantil*. Essa *Colleção* é lançada no mercado num momento psicologico. Surge quando devia surgir, perto do Natal. Tem contos interessantes como sejam: *Uma boa ação de Florian*, celebre fabulista francez, contada por Paulo Guyde; e *A morte do bandido Raposa*, escrito no genero Rostandeano. Aquele conto todo veracidade é a antitesse deste, todo fantasia. No *Livro de Marieta* o copilador fez ilucidativas notas, que poupa o joven leitor de interrogativas nem sempre claramente respondiveis.

Iniciada esta *Colleção Infantil* fazemos votos para que Guimarães & C.º substituam as traduções por originaes contribuindo assim para edificação d'uma geração amorosa, patriótica, artistica e humanitaria.

TOSTE NÉVES.

Livros novos

OASIS

por

João Maria Ferreira

Mais um novo livro de versos temos sobre a nossa banca de trabalho, *Oasis* de João Maria Ferreira.

Oasis é um delicado livro de formosas poesias, em que vemos a sua alma de pantheista, de crente.

Desde a sua primeira obra poetica *Jesus de Nazaré* apparecida á luz em 1905, em que lhe notámos aliás certas fraquezas de principiante, dissemos então que tínhamos um primoroso poeta; não nos enganamos, pois depois nas suas obras *Manhã* que tem tres edições, no *Ino à Primavera* e nas *Tristezas*, para nós a sua melhor obra, temos notado sempre em João Maria Ferreira um rapaz trabalhador com vontade de produzir livros que traduzam todas as vibrações da sua alma sempre propensa para as regiões sagradas do Bello e das Musas!

Este novo livro *Oasis* é um conjuncto, não de grandes poesias, mas sim de pequenos versos, cheios de delicadeza, delicadas miniaturas impressionistas, que revelam o talento do seu auctor. Dentro dos limites da verdade que nos caracteriza gostámos de todo o livro? Decerto que não; algumas poesias achámos com pouca inspiração, mas outras que apontaremos como: *Crianças*, *O catavento*, *A cruz*, *O cardo*, *Dôr suprema*, *Trabalho*, são escriptas com tanta verdade, com tanta elevação poetica que ficarão consagradas como das melhores poesias escriptas modernamente em lingua portugueza!

O seu livro *Oasis* é uma obra que estará em breve nos salões de todos aquelles que se interessam pela cultura das Bellas Lettras, pois é um livro repassado d'uma poesia, d'uma impressão toda ella simples, delicada, cuja leitura nos faz elevar a alma n'um crescendo de idealismo.

O livro é dedicado ao nosso collaborador Alfredo Pinto (Sacavem) e a D. Rafael Gonzalez Orduña, D. José Garcia Ortega ambos da Real Sociedade de Amigos do Paiz de Badajoz.

A capa do *Oasis* é um primoroso trabalho do joven pintor Abel Santos, laureado artista da Academia e antigo alumno de Carlos Reis.

Ao distincto poeta agradecemos a offerta do seu brilhante trabalho.

CHRISIS.



Confrontos Historicos

Bosquejo

(Continuado do n.º 1219)

Principia aqui o avanço triumphal das forças liberaes pelo sul do paiz.

No Algarve comandava as forças miguelistas o visconde de Molelos o qual dispoz parte delas no Almargem, mas logo fóram batidas e retiraram em desordem. Entretanto os liberaes avançavam sobre Olhão e Napier, ou Ponsa, tomava Tavira aprisionando a esquadilha do governo absoluto, que ali estava.

Ao saber-se em Lisboa que os liberaes invadiam o Algarve, o governo mandou sahir para ali uma esquadra, ao encontro da qual foi Napier dando-lhe batalha no Cabo de S. Vicente a 2 de julho, aprisionando-a quasi toda.

O duque da Terceira, por sua parte continuava invadindo o Algarve chegando a S. Bartolomeu de Messines e dispunha-se a marchar sobre Beja, onde soubera que se haviam levantado uns liberaes a quem ele queria ajudar. O cabecilha destes revoltados era um padre chamado Goes.

Esta revolta de Beja veiu de certo modo favorecer a causa liberal, pelo seguinte facto. Quando o duque da Terceira se dispunha a ir em socorro daqueles constitucionaes, soube da victoria de Napier e antes se dirigiu a Lagos para concertar, com o almirante, o plano das forças liberaes virem sobre Lisboa. O plano melhor ponde ser realisado, porque o visconde de Molelos sabendo do levantamento em Beja, para lá se dirigiu com a sua tropa a sufocal-o, o que facilmente conseguiu, mas para isso deixou o caminho mais livre

ao duque da Terceira para avançar sobre a capital, facilitando assim, sem querer, a execução do seu plano.

De facto, as forças liberaes, em numero de uns mil e quinhentos homens, chegavam a Setubal a 22 de julho, ao mesmo tempo que Napier com a sua esquadilha, seguindo a costa, chegava ao mesmo tempo e estas duas forças reunidas tomavam aquella vila.

Dalí seguiu, sem demora, o pequeno exercito para Lisboa, surpreendendo, no dia seguinte (23) o exercito de reserva miguelista, na Cova da Piedade, que desbaratou, sendo morto o general que o comandava Teles Jordão, sobre o qual o povo se vingou esquartejando-lhe o corpo em pedaços no largo de Cacilhas até onde o arrastaram.

O povo da Outra Banda aderiu entusiasmado ás forças constitucionaes, de modo que na manhã seguinte, 24 de julho de 1833, a guarnição do castello de Almada entregava-se e o duque da Terceira com a sua tropa encontrava-se em frente de Lisboa.

Depressa se soube em Lisboa que o exercito liberal se encontrava na outra margem do Tejo e esta noticia tanto animou os constitucionaes como aterrou os miguelistas, principiando pelo duque de Cadaval, governador da cidade, que a abandonou com as tropas de seu comando em direção a Santarem.

Para se calcular a alegria da cidade, bastará recordar que a população de Lisboa chegara ao extremo do terror e da miseria, que nem de longe se pôde comparar ao estado em que a nossa capital se encontrava ao rebentar a revolução, que implantou a Republica no dia 5 de outubro.

O terror estabelecia-o a constante perseguição de que os liberaes (malhados) eram vitima nas mãos dos caceteiros e da plebe fanatisada, indo por fim gemer nas prisões, donde muitos sahiam para o patibulo, como ainda no dia 23 se fizera uma excussão no Caes do Sodré, em frente do exercito liberal, que já se encontrava na Outra Banda.

A miseria publica media-se pela miseria do tesouro, para que não bastavam os emprestimos forçados que contraía, as contribuições de guerra e os confiscos e extorções de toda a especie. A colera, grassando com toda a intensidade, completava o horroroso quadro, sendo impotentes as providencias do governo para debelar este mal.

O exercito liberal, entrando em Lisboa no dia 24, era recebido com o maior entusiasmo pela população.

Abriram-se as prisões atafalhadas de presos e nas primeiras horas cometeram-se bastantes excessos contra os miguelistas, o que nada é para admirar depois da longa opressão soffrida; mas a breve trecho a alegria e entusiasmo publico fez esquecer vinganças, para só se aclamar a Liberdade e cuidar da defeza de Lisboa.

(Continua.)

CAETANO ALBERTO.



O novo mercado de peixe em Lisboa

Uma empresa denominada Sociedade Commercial de Pescarias Limitada, obteve da camara municipal licença para construir junto á margem do Tejo e uns 800 metros distante do velho mercado 24 de julho, um novo mercado para peixe, nas melhores condições de acção, commodidade e largueza, como melhor não ha no estrangeiro.

Numa area superior a 2:000 metros quadrados se construíram armazens, tanques para lavagem do peixe, bancas de pedra para a venda, sendo este recinto coberto assim como o caes de desembarque, ao qual pôdem atracar tres vapores ao mesmo tempo para descarregarem.

Adjunto a este mercado está um grande frigorifico, que pertence ás duas fabricas de gelo *Polo* e *Frigorifica Portugueza*, ocupando a area de 700 metros quadrados, e que pôde conservar perfeitamente 180 toneladas de peixe resfriado até 5 graus abaixo de zero.

Nestas condições o mercado tanto serve para a venda imediata do peixe para consumo da cidade, como para o preparar convenientemente para a exportação.

Este novo mercado foi inaugurado festivamente, no dia 30 de novembro findo e é, inquestionavelmente, um grande melhoramento publico para a nossa capital, que custou á Sociedade Commercial de Pescarias Limitada uns sessenta contos de réis.

Não obstante todas as vantagens apontadas deste novo mercado, parece que ele briga com

os interesses dos comerciantes de peixe, além de brigar, é claro, com a rotina sempre difícil de remover.

Os comerciantes de peixe levantaram-se em grande grita contra ele não o querendo aproveitar e opondo-se a que o peixe dos vapores fosse lá descarregado, mas sim no antigo mercado, onde estão costumados a fazer seu negócio de arrematações e venda aos peixeiros e varinas.

Com seus protestos chegaram até a camara municipal, onde não foi possível contel os nos devidos limites, tendo de transigir-se com as suas reclamações para que o peixe continue a descarregar-se como até aqui.

E' de esperar, porém, que tudo se harmonise para que o novo mercado volte a funcionar.



PELOS TEATROS

Nacional

O primeiro original português representado nesta temporada, em cumprimento do estabelecido no decreto que reorganizou este teatro, vem subscrito por um nome, ilustre por muitos títulos, a quem muito deve o teatro português, já pelas obras primas com que o enriqueceu, já pelo carinhoso interesse que lhe tem merecido. E' o dr. Julio Dantas. Dito isto o panegírico estará feito porque não haverá em Portugal uma pessoa medianamente culta, que não tenha sido emocionada por algum desses quadros encantadores que o ilustre escritor tem desenhado com tal arte, com tão delicado sentimento, com tão subtil fínura que ao vê-los nos parece estarmos sonhando, se sonho se póde chamar a esse delicado prazer espiritual de ouvirmos a nossa lingua tratada com tal esmero, o burilado da frase, o ritmo

poético impecavel e a intuição, a expressão dos sentimentos mais ternamente íntimos.

O autór de joias tais como as *Rosas de todo o ano*, a *Ceia dos cardeais*, *O que morreu de amor* póde acaso deixar de ser considerado como o mais requintado espirito de artista? como o mais primoroso manejadór da lingua pátria?

Devem-lhe muito a literatura e o teatro e ainda outros ramos em que tem, não menos profficientemente, desenvolvido a sua actividade.

Escasseiam entre nós os dramaturgos de subido mérito, posto que o nosso teatro tenha a esse respeito honrosa tradição.

Assim, a nova peça do sr. Julio Dantas foi acolhida com impaciencia, quer pelos rumores que a seu respeito se espalharam na imprensa, quer pela categoria do autór.

Segue-se-lhe na ordem cronológica a *Santa Inquisição*, peça convulsionada e forte que foi uma das mais brilhantes manifestações do ilustre escritór.

No entanto, o sr. Julio Dantas enveredou por um novo caminho, que o levou a dar-nos uma peça estranha, de um género que ultimamente se cultiva muito em França e que para nós, digo para a nossa literatura dramática, era novo.

A vida moderna, intensa e febril, gera situações complicadas que o convívio incessante dos homens quasi não deixa perceber.

No século do rádio e da aviação, os homens não teem tempo para se ocuparem de uma moral que aparece como anomalia.

Civilização presupõe decadencia, decadencia traduz perversão.

O *Reposteiro Verde* pretende generalisar a baixaza moral, o estado latente de podridão de uma sociedade que é composta de aristocraticos individuos em que o atavismo, a decadencia física e o proprio estado social não deixam que tome por divisa um principio de honra ou de moral.

A acção está descrita vigorosamente. Episódios tem que são profundamente emocionantes. Ha ali muita arte, porque se assim não fósse não

aceitaríamos essas scenas rialistas, cruelmente rialistas, que repugnam ao bom senso e á moral.

D. Miguel de Noronha, um desclassificado, casou-se com uma senhora distinta, Marta, que por éle se apaixonou a ponto de se resignar a viver a mesma vida de aventuras das quais se tornou tacitamente cúmplice.

D. Miguel visitando um dia o seu amigo Alexandre Botelho em casa da amante, Lolotte, recebeu dela a chave da casa juntamente com o pedido de que lá fósse essa noite. Primeiro recusou e acabou por acedêr. Ele estava comprometido com um caso de letras falsas.

Emquanto Lolotte se preparava num quarto proximo, dirige-se a um pequeno cofre onde ela tinha guardado as joias.

Neste momento ela aparece por traz do reposteiro verde e éle vendo-se surpreendido assassina-a.

Marta, por alta noite, espera o marido e cansada de esperar mete-se na cama.

Nisto éle entra convulso ainda e receoso pelas consequencias do crime. Traz a camisa manchada de sangue. Marta levanta-se e vendo esse espectáculo, o sangue e as joias que Miguel deixa cair, exaspera-se e exproba-lhe o seu procedimento. Ele causa-lhe asco. Era até ali que a tinha arrastado.

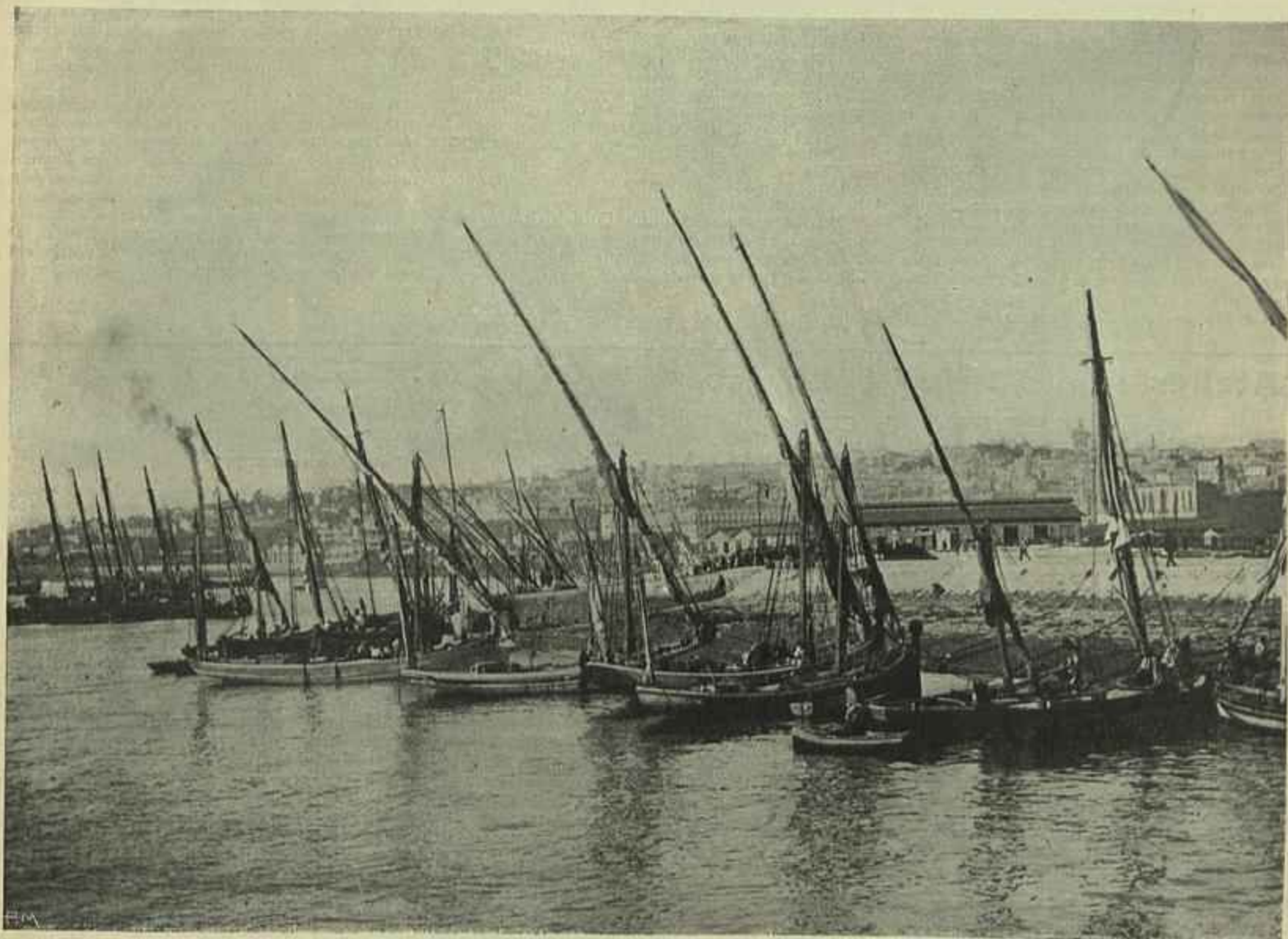
Miguel dá pela falta da carteira que devia ter deixado cair em casa de Lolotte. Assusta-se. A mulher constringe-o a ir procurá-la. Recusa.

Ele é um covarde. Pois bem. Irá ela. Pede-lhe a chave que Lolotte lhe tinha dado. Vae.

Digam-me se nesta mulher que teve ainda ha pouco um momento de revolta e que agora vae para o crime, não ha alguma coisa de estoico. Que scena impressionante e ao mesmo tempo repugnante essa da confissão do crime.

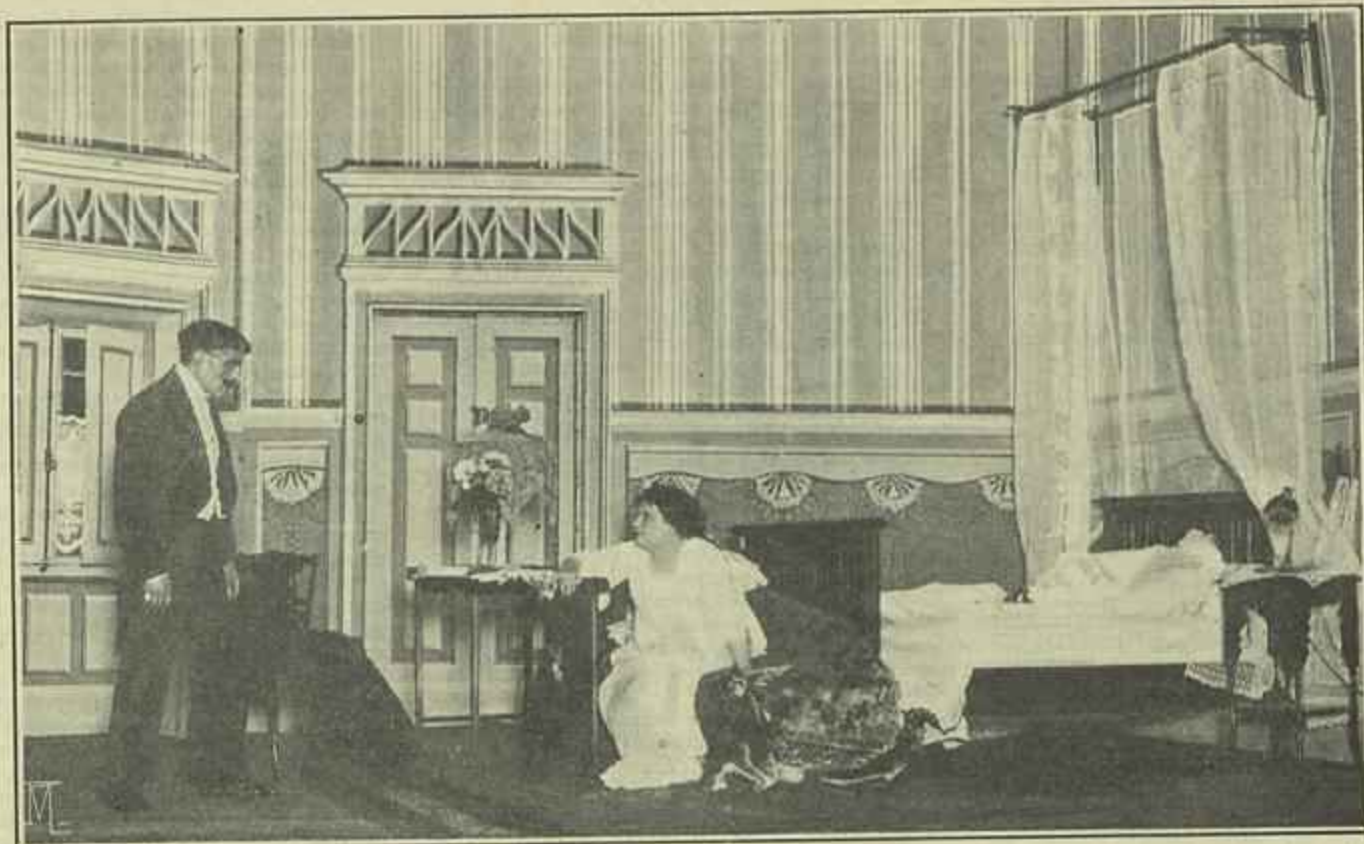
Marta em casa de Lolotte procura a carteira do marido.

Os creados ouvindo ruido aparecem. Por trás do reposteiro verde Marta fala-lhes como se fósse sua ama. Vae para sair quando entra Alexandre



O NOVO MERCADO DO PEIXE, EM LISBOA, NO ENTREPOSTO DE SANTOS

(Cliché da «Mala da Europa»)



TEATRO NACIONAL ALMEIDA GARRETT — «O REPOSTEIRO VERDE» 2.º ACTO, POR JULIO DANTES

Botelho embriagado. Marta conta-lhe que Lotté tinha fugido com seu marido e que tinha vindo ali para se vingar. Troca por troca. Oferece-se-lhe. Procura embriagá-lo com *champagne*. E' uma scena degradante.

Por fim vence mas não sem que elle a tenha marcado mordendo a no ombro.

Estão agora em Nice, num luxuoso hotel, frequentado por estrangeiros. Alexandre encontra-se com Marta e parece-lhe reconhecê-la. Conversando com ella procura certificar-se. Recordase vagamente do que se tinha passado naquela noite e não esquece a mordedura no ombro.

Vivamente dirige-se a ella para lhe rasgar o vestido no sitio onde a tinha mordido. Aparece D. Miguel que, vendo o perigo eminente, dispara o revolver matando o pobre Alexandre Botelho.

Como se vê, nenhuma elevação moral, actos proprios em criaturas dessa cotação. Essas criaturas representam na sociedade um importante papel e são producto de determinados factores.

O Reposteiro Verde é uma peça trabalhada com arte e tem incontestavel valor pela profunda observação, pelo processo critico e pelo alto vôo literário.

Não é uma obra de sentimento, é antes uma obra violenta que não pôde ser suportada indiferentemente por todos os nervosos.

Entrando em detalhes poderei dizer que o primeiro acto, de apresentação, é um primôr de linguagem e de espirito, assim como o segundo de grande intensidade dramática; o terceiro forte tambem e o quarto o suficiente para acabar a peça deixando o pobre espectador sob uma impressão gélida.

O scenário soberbo e o mobiliario de estranho luxo e bom gosto.

No desempenho Augusta Cordeiro no papel principal de Marta, empregou todos os seus esforços por caracterisar bem a personagem e conseguiu o. Todos os outros muito bem.

A VIRTUDE

A virtude, Albino, está em poder apreciar pelo seu verdadeiro valor as coisas que nos cercam e no meio das quais vivemos. A virtude para o homem é saber o que cada coisa, por si propria, representa. A virtude para o homem é discernir o que é direito, util, o que é honesto, qual o bem e qual o mal, o que é inutil, vergonhoso e desonesto.

A virtude é conhecer o limite e a medida da necessidade de adquirir; a virtude é conceder o que rjalmente se deve ás honrarias; é ser adversário público e o inimigo privado dos homens maus e dos maus costumes; ser o defensor, pelo contrario, do que é bom, homens e costumes; glorificar as peças de bem, ser-lhes dedicado, viver seu amigo; é, enfim, pôr em primeiro lugar no nosso coração os interesses da pátria, em segundo os dos nossos parentes e por ultimo os nossos.

A. N.

LUCILIO — Sátiras.

Atelier Photo-Chimi-Graphico

P. MARINHO & C.ª

5, Calçada da Gloria, 5 — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO, 1239

Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. — Os preços mais baratos do paiz, em todos os trabalhos. Execução perfeita.

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO

ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1815



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaça, sobre casaça e smoking desde 30.000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 12.500 réis e dos melhores tecidos ingleses desde 22.000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.ª — LISBOA

PARA LEVANTAR OU CONSERVAR AS FORÇAS

Vinho Nutritivo de Carna de Pedro Franco & C.ª, Lisboa. Unico legalmente auctorizado pelos governos e auctoridades sanitarias de Portugal e Brazil e premiado com Medalhas d'Ouro em todas as exposições. Centenares dos principaes medicos garantem a sua efficacia na debilitade, na pobreza do sangue (anemia), na convalescença de todas as doenças e sempre que é preciso levantar as forças. E' muito usado ao lunch e ao toast pelas pessoas de constituição fraca e pelas robustas, que tem excesso de trabalho intellectual ou physico. Um calix d'este vinho representa um bom bife. A' venda nas pharmacias.

Capas para a encadernação dos volumes do «OCCI- DENTE»

Em percalina com letras a ouro,
encadernação de luxo

Ha capas para todos os annos,
eguaes na cor para collecções.

Capa 800 réis
Capa e encadernação 1\$200